



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JULIANA GOMES LEITE

LEITURA E LITERATURA INFANTIL

CAJAZEIRAS - PB

2009

JULIANA GOMES LEITE

LEITURA E LITERATURA INFANTIL

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



L5331 Leite, Juliana Gomes.
Leitura e literatura infantil / Juliana Gomes Leite. -
Cajazeiras, 2009.
49f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Literatura infantil. 2. Leitura e literatura. 3.
Leitor- formação. I. Lima, Maria Janete de. II.
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de
Formação de Professores. IV. Título

CDU 82-93

JULIANA GOMES LEITE

LEITURA E LITERATURA INFANTIL

DATA DE APROVAÇÃO: ____ / ____ / ____.

APROVADA POR:

Prof. Ms. Janete
(Orientadora)

*Ao Ser Supremo Deus, por me dar aptidão para
consequir este mérito de concluir este curso.
Em seguida não poderia deixar de dedicar aos meus pais
que também incentivaram esta tão sonhada conquista.
Enfim, aos meus amigos em geral que são muitos e aos
meus colegas, que de forma direta ou indireta ajudaram
na minha formação.*

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Em prioridade, primeiramente a Deus, o Ser Supremo que em toda hora, em todo momento esteve em mim, para dar-me entendimento para todas as coisas e saber distinguir umas das outras, enfim a tí Deus de bondade o meu todo agradecimento.

A minha família que me deste todos os preceitos da vida, inclusive o da minha formação, dando-me apoio e íntegra que me fez seguir os meus objetivos.

Aos meus amigos que são muitos, mas sempre tendo alguns que me deram suporte para estimular a formação, a você Lady Cler, o pároco Pe. Nicodemos e a você Zem, o meu eterno agradecimento.

*Deus me escutou, e atendeu ao meu grito
suplicante, Bendito seja Deus, que não rejeitou a
minha súplica, nem retirou de mim o teu amor.*

(SALMO 65)

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPITULO I - A leitura no seu contexto.....	10
1.1 Como compreender a leitura e produzi-la.....	10
1.2 A importância da leitura.....	18
1.3 A formação de leitores.....	22
1.4 Como ajudar o aluno a ter uma leitura prazerosa.....	24
1.5 A leitura a partir da escrita.....	28
1.6 Como iniciar uma boa leitura.....	30
1.7 Qual o melhor método para ensinar a ler.....	31
1.8 A formação de leitores e a procura de melhores acervos para os alunos.....	32
CAPITULO II A literatura na vida escolar.....	34
2.1 A importância da literatura na vida escolar.....	34
2.2 A literatura como tesouro dos leitores.....	36
2.3 A abordagem da literatura infantil no ponto de vista discursivo.....	39
2.4 A importância da ilustração para estimular a literatura infantil.....	40
CAPÍTULO III – Análise dos dados.....	44
3.1 Análise crítica dos questionários dos alunos.....	44
3.2 Análise dos questionários dos professores.....	45
3.3 Análise do questionário do gestor.....	46
3.4 Análise do estágio.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	50
ANEXOS.....	51

RESUMO

O presente trabalho analisa como se deve usar de melhor forma o uso da leitura e da literatura infantil, também ajudar o professor a ter estímulo pela leitura e como ela é uma base muito importante no dia-a-dia do aluno e que ela sustenta toda a educação e também o conhecimento do aluno. A pesquisa foi realizada com intuito investigativo. O tema abordado foi escolhido para poder investigar a leitura nas séries iniciais e também a importância da leitura na aprendizagem. Então terá uma combinação que levará o aluno a despertar e desenvolver a prática pela leitura. Também diante do assunto abordado vi como podemos utilizar a literatura infantil na sala de aula sem que o aluno não se despeça em momento algum. Sempre utilizando leitura que chame atenção e figuras que sempre atraia o despertar pela leitura prazerosa. A escola na cidade de São José de Piranhas – PB, enfrenta como todas, o desafio sobre a leitura, portanto foi aplicado maneiras contínuas para que haja melhor rendimento no processo de leitura.

Palavras-chave: Desafio. Estímulo. Prática. Reflexão.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de investigar as necessidades que o leitor tem ao ler um livro, principalmente a classe infantil, que é a base para o desenvolvimento para séries seguintes.

O tema foi escolhido para tentar investigar a leitura nas primeiras séries iniciais e também a importância da leitura na aprendizagem. Então terá uma combinação que levará a despertar a criança a se desenvolver e praticar a leitura.

Diante do assunto abordado, como podemos utilizar a leitura infantil na sala de aula. Esta pesquisa será de caráter importante com bastante qualidade. A opção de escolher o estudo foi de encontrar elementos que possam investigar como será o objeto de estudo. A mesma será realizada na Escola Infantil e Fundamental Professora Dondon Palitot Gomes na cidade de São José de Piranhas- PB.

Para que possamos realizar essa pesquisa com êxito, precisamos ter um contato direto com esses professores e principalmente com o que a escola tem para oferecer de recursos.

Nesta perspectiva, pretendemos ajudar os docentes a ter mais dinâmica e incentivo sobre a leitura. Também procuraremos analisar as dificuldades de leitura e saber de que modo a escola pode contribuir para o processo de leitura. Criar e despertar o leitor para o mundo da leitura e tentar dinamizar as leituras.

A leitura e a literatura infantil deve estar sempre presente no cotidiano do aluno sendou suporte de sustentação para uma formação elevada.

A leitura está abordada por todos os seguimentos da sociedade. Mas no entanto, falta muito para um bom desenvolvimento.

Quase todos os educadores vem buscando resgatar o mundo da literatura infantil para que o Brasil e o mundo desenvolvam novos potenciais, pois a família e a sociedade podem ajudar sim a mudar e criar novas formas de resgatar a leitura.

A leitura numa perspectiva social, fica mais nítida, quando lembramos que, para ler (ou melhor para aprender a ler), dependemos dos seguintes fatores básicos, a existência de um sistema de escrita, de um processo de alfabetização, por que é necessário conhecer esse sistema, e de um conjunto de valores (uma axiologia).

Na escola E. E. Infantil e Fundamental Dondon Palitot, afirma que o uso da leitura e literatura infantil deve ainda desenvolver um estímulo maior para que o aluno tenha um despertar pela leitura.

CAPÍTULO I

A LEITURA NO SEU CONTEXTO

1.1 Como compreender a leitura e produzi-la.

Concebendo a leitura como um processo, vamos entendê-la como uma atividade que oferece respostas e questões formuladas pelo leitor e, ao mesmo tempo, lhe proporciona prazer. Nos dois casos (cognição e fruição), ler aparece como um meio e não como uma atividade em si, com uma finalidade própria. Ler é uma atividade-meio, que está a serviço de um projeto que a ultrapassa. Portanto, saber ler é ser capaz de servir-se do que está escrito para levar a cabo um projeto. E só a realização do projeto, que a provocou, nos permite afirmar que a leitura foi eficaz. A essa realização, chamamos compreender, já que podemos imaginar, sem nenhuma dificuldade, que não pode haver leitura se a compreensão não ocorrer. Então, saber ler é compreender e quando uma criança não compreende o que lê, na verdade não leu. Seria absurdo dizer que ela lê sem compreender.[cf. CHARMEUX (1995)].

Não poderíamos prosseguir nessa exposição sem deparar com a complexidade do que chamamos compreender. Em vista disso, afirmamos que o sentido das palavras não é suficiente para a compreensão das mensagens, pois é a partir do sentido da mensagem – construído em grande parte por informações não-visuais anteriores- que as palavras carregam-se de sentido. Logo, e a compreensão não depende somente do sentido das palavras do texto. O ato da compreensão é tão complexo que, de acordo com CHARMEUX (1995), se processa em três níveis:

1º o nível do conteúdo visível – as palavras e as informações não-verbais, por exemplo: a ilustração(se houver), o tamanho dos caracteres, a paginação,etc.(é necessário relacionar tudo isso, para construir o sentido de um texto);

2º o nível da situação social em que se escreve a mensagem- as circunstâncias em sua produção, os desafios sociais etc.;

3º o nível do projeto de escrita do autor – os motivos da escolha de uma certa forma, da apresentação etc. (um não-dito que constituiu o verdadeiro desafio da comunicação).

O primeiro nível destacado é, na verdade, o da função social, uma vez que, a partir de sua função social, o conteúdo da informação passa a ser considerado como tal. É, ainda mais, isso só ocorre se o leitor tiver uma expectativa ou necessidade. Vejamos um exemplo citado por SMITH: “a termoacidofilia e os metonogenós são formas de arqueobactérias”(apud CHARMEUX, 1995, p. 47). Esse enunciado só tem chance de revestir-se de sentido sob duas condições:(i) reconhecido o veículo que o traz (revista especializada ou documentado), o que permite, pelo menos, situar o tipo de comunicação; (ii) tendo a necessidade dessa informação. Assim, essa frase pode não ter despertado um interesse em fulano, pois ele já sabe. E não teve nenhum sentido para sicrano, já que ele não conseguiu, sequer, entender do que se trata (isto é, se a frase lhe foi apresentada dessa forma). Segundo CHARMEUX (1995), todo texto e toda mensagem estão necessariamente inseridos numa situação social, carregada de um passado que lhe determina as formas atuais. Por exemplo: um problema de Matemática, um boletim meteorológico, uma apólice de seguros, uma carta administrativa e um conto, podem ser reconhecidos ao primeiro golpe de vista, graças à presença de um vocabulário particular e, sobretudo, de estruturas sintáticas específicas, que constituem uma das causas essenciais de não-compreensão para os leitores inadvertidos. É necessário adverti-los, o mais cedo possível, da existência desses códigos sociais específicos, responsáveis por gêneros de texto tão diferentes uns dos outros.

Ainda de acordo com a pesquisadora, os dados sociais da situação determinam os vários tipos de organização — discursiva, sintática e léxica — que constituem hábitos sociais (chamados de códigos). Esses códigos favorecem a leitura, já que permitem identificar, antes da leitura propriamente dita, o essencial da situação na qual se insere a mensagem a ser lida. Porém é sempre possível romper com esses códigos e produzir efeitos de sentido com os limites que eles propõem. É exatamente isso que chamamos de estilo de um autor. Mas respeitar esses códigos é, da mesma forma, o resultado de uma escolha, que é a de não provocar nenhum efeito surpresa em relação aos hábitos sociais. Assim, devemos identificar o projeto de escrita, para a construção do sentido de um texto, independente de ser literário ou não.

Esses níveis propostos permitem-nos afirmar que a compreensão não pode ser o resultado mágico da reunião de letras (como as práticas clássicas parecem crer), uma vez que nelas apenas a combinatória é ensinada de forma clara. Compreender é o resultado de um trabalho de construção, no qual têm, um papel muito importante, os saberes pessoais do leitor.

Por isso, compreender é construir sentido, porém como construímos o sentido num texto? Fazemos isso a partir de uma percepção visual, de um trabalho de inteligência e do domínio de uma linguagem particular (a variação dos gêneros textuais).

Examinemos, então, cada um desses três aspectos. A percepção visual é o primeiro aspecto a assinalar. Exceto para os deficientes visuais, a leitura se faz com os olhos. Sendo assim, nem os ouvidos nem a voz têm algum papel a desempenhar nela.

Os que não enxergam substituem a percepção visual por uma percepção tátil, que funciona de maneira semelhante. Os dados da percepção visual são relacionados pelo cérebro com os saberes anteriores, a fim de permitir uma construção de significações em relação ao projeto de leitura [cf. CHARMEUX (1995)].

É importante saber que as numerosas pesquisas sobre a percepção em geral e sobre a percepção visual em particular questionam a antiga idéia que tínhamos do trabalho dos olhos na leitura. Durante muito tempo, acreditou-se não só que os olhos identificavam, uma a uma, cada letra que constituía uma palavra, uma frase etc., mas também que essas letras eram mecanicamente reunidas segundo as regras aprendidas na alfabetização (o que poderia conduzir ao sentido). Todavia, dados precisos sobre a fisiologia da visão desmentem essa teoria, ao comprovar que não pode haver percepção visual com os olhos em movimento. Assim, todo passageiro de um trem em movimento pode constatar que não consegue ler o nome de uma estação, porque deve haver a fixação dos olhos num ponto preciso, para que os dados perceptivos possam ser registrados pelo cérebro. Da mesma forma, os olhos não percebem tudo o que está escrito numa folha de papel varrida pelo olhar. Se ele não percebe tudo, é porque nem todos os detalhes a serem percebidos têm a mesma importância. Então, é preciso ser capaz de escolher os mais importantes.

Para esmerar nosso conhecimento desse papel desempenhado pelos olhos, temos uma outra informação complementar que é a importância da rapidez de leitura na compreensão e também na memorização do que foi lido. Com efeito, hoje sabe-se que, quanto maior for a velocidade de leitura, melhor o texto será compreendido e retido. Isso parece surpreendente, pois estamos habituados a associar rápido com descuidado e sabedoria com lentidão.

O que surpreende ainda mais é saber que a velocidade de leitura obedece a uma escala de um a dez (de um indivíduo para outro), mas que todo mundo tem a mesma velocidade de deslocamento ocular. Enfim, o olhar se fixa durante (mais ou menos) um terço de segundo num ponto do texto e, em seguida, desloca-se pelo espaço de um quarentésimo de segundo. Ao longo do deslocamento, nenhuma percepção visual acontece, depois se fixa de novo um pouco mais longe. No período dessas fixações se efetiva a triagem dos detalhes que devem ser retidos, para construir o sentido buscado. Se a velocidade do deslocamento ocular é a mesma para todos, é evidente que a velocidade de leitura está relacionada a outro fator ou fatores.

De fato, a velocidade de leitura depende de três fatores: da capacidade de concentração intelectual; da amplitude do [campo coberto em cada fixação ocular; e da fineza de discriminação visual. Começemos pela capacidade de concentração intelectual que é fraca entre nós (adultos), entretanto é surpreendente lembrar que, na escola, nada está previsto para desenvolvê-la, pelo contrário. Ora, é pela exercitação do domínio corporal, muscular e respiratório que se pode desenvolver o poder de concentração intelectual. Não só pela raridade como também pela pobreza desse tipo de trabalho na escola - considerado secundário por muitos -, podemos explicar essas lacunas. Um trabalho desse tipo constituiria uma ocasião a mais para reafirmar os seguintes pontos: a absoluta igualdade de todas as disciplinas de ensino; a globalidade necessária do projeto educacional; a importância da educação física como dimensão fundamental da educação; a necessidade de levar em conta todas as dimensões da pessoa. Quer dizer, se quisermos que o trabalho educacional mereça esse nome [cf. CHARMEUX (1995)].

Quanto à amplitude do campo coberto em cada fixação ocular, podemos afirmar que, se algumas pessoas lêem até dez vezes mais rápido do que outras, isso acontece graças ao número reduzido de fixações, das quais elas têm necessidade, para ler a mesma página. Assim sendo, quanto mais esse campo (que chamamos de campo visual) for extenso, mais rápido os olhos chegarão embaixo da página. No entanto, constatamos que cada detalhe terá sido percebido várias vezes, pois, se o campo for grande, as fixações do olho se confundem parcialmente. Então compreendemos por que um leitor rápido compreende e retém mais informações do que um leitor lento. Este, em geral, tem um campo visual reduzido que lhe permite perceber poucos detalhes e suas fixações se tocam mas não se confundem. Ele vê

cada detalhe só uma única vez e, se sua memória não for extraordinária, ele não conseguirá reter muita coisa. Dessa forma, a compreensão não será boa e a memorização, quase nula.

O terceiro fator é a fineza de discriminação visual. Vale lembrar que o olho não percebe todos os detalhes expostos. É sabido também que, nesses detalhes, existem os que são mais importantes, por isso é necessário aprender a reconhecê-los. O problema é que, muitas vezes, os detalhes importantes (os indícios pertinentes) são pequenos demais, isto é, às vezes limitados a uma letra, por exemplo; paço/passo; concerto/conserto etc. Outras vezes, são menores ainda, limitados a um acento (pais/país; /avós etc.). Assim, aprender a ler exige que o leitor aumente, ao mesmo tempo, sua acuidade visual e sua fineza de discriminação perceptiva. É desnecessário enfatizar a importância dessas capacidades no domínio da ortografia.

Vimos, dessa forma, que a atividade perceptiva é necessariamente acompanhada de um trabalho mental, relacionando o que é percebido com o que é conhecido. Esse segundo aspecto, envolvido na construção do sentido de um texto, é o trabalho de inteligência. Aliás, isso é verdadeiro para toda percepção sensorial, já que não se trata de um fenômeno passivo, mas uma atividade da inteligência. O trabalho de estabelecer relações do percebido com o conhecido determina a triagem dos detalhes a guardar, a partir dos quais o sentido será construído. Chamamos isso de selecionar “indícios”. No entanto, não é o único trabalho a fazer, pois é preciso também relacionar esses detalhes com o projeto de leitura, isto é, com as questões e expectativas que o motivaram.

Desse modo, há uma segunda triagem que conduz ao sentido buscado, graças a um trabalho de raciocínio. Entendemos não só que esse trabalho é incompatível com uma leitura linear que extraia o sentido à medida que avança, mas também que as práticas clássicas de leitura na escola contradizem essa constatação. Essas práticas exigem da criança que faça uma leitura de forma linear para compreender imediatamente, por isso a escola torna-a incapaz de elaborar estratégias de construção de sentido. Dessa forma, fica muito mais difícil o acesso à compreensão [cf. CHARMEUX (1995)].

Retomando nossa proposta de examinar os aspectos envolvidos na construção do sentido (a percepção visual, o trabalho de inteligência e o domínio de uma linguagem particular), abordaremos o último aspecto: o domínio de uma linguagem particular. Podemos

asseverar que os indícios linguísticos não são a única dificuldade linguística da leitura. As pesquisas realizadas não apenas em Linguística, como também em ciências novas, dela derivadas (como, por exemplo, a Sociolinguística e a Psicolinguística), vêm mostrando, há muitos anos, diferenças no funcionamento oral e escrito da língua, a ponto de se poder falar em “línguas diferentes”. Na verdade, essa expressão é imprópria, porque a língua portuguesa é uma evidentemente. Contudo é incontestável que a diversidade dos textos produzidos na conversação cotidiana ou existentes no conjunto das mensagens escritas mostra tantas diferenças que a impressão de se ter mais de uma língua” parece se impor. E não se trata apenas de uma oposição oral/escrito, mas sim de uma oposição entre tipos de texto usados em situações diversas (orais e escritas). Por exemplo: uma exposição oral em público, uma conversa familiar, um boletim de informações na televisão e a gravação telefônica numa secretária eletrônica constituem tipos de mensagem que não se parecem em nada uma com as outras. Da mesma forma, um editorial de jornal, um problema de Matemática, um poema e uma receita culinária não apresentam algo em comum na sua formulação, nem no que diz respeito à sua sintaxe.

Todas essas diferenças - sabemos mais, graças às contribuições da Análise do Discurso e dos estudos de BAKHTIN- resultam, sobretudo, de três dados essenciais: as condições da situação de comunicação (direta ou à distância); suas características sociais; e os projetos de escrita de quem produziu o texto. Esses são dados que exercem influência sobre aspectos linguísticos dos textos a serem lidos, definindo, portanto, limites para sua leitura.

Apesar de clara a importância da leitura, sabemos os problemas que ela enfrenta dentro e fora da escola. Na verdade, existem duas posições a esse respeito: alguns estudiosos afirmam que presenciamos o crescimento de uma geração pouco afeita à leitura da palavra escrita, imersa em imagens e mensagens sincréticas da mídia, produzindo resultados danosos para uma cultura livresca; outros defendem que a influência dos multimeios, em nosso dia-a-dia, determina uma nova forma de leitura, mas sem a idéia de que eles atrapalham a leitura. Enfim, a escola - por não está aparelhada para enfrentar a concorrência com os multimeios - dificulta o trabalho do professor com a leitura, por isso ele não consegue despertar nos alunos a consciência de seu valor e o prazer que o leitor pode obter no contato com o texto escrito.

Para a vertente francesa da Análise do Discurso, pensar em leitura implica considerar não só que o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história, mas também que

tanto o sujeito quanto os sentidos são determinados histórica e ideologicamente, e ainda que há múltiplos e variados modos de leitura. A leitura, como qualquer uso da linguagem, é produzida em determinadas condições, por esse motivo um estudo sobre a leitura precisa tratar das “condições de produção” cujos componentes são: a) os sujeitos (autor e leitor); b) os diferentes tipos de discurso; c) a(s) ideologia(s); d) as leituras previstas para um texto; e) a história das leituras do leitor; f) a distinção entre leitura parafrástica e leitura polissêmica; g) a noção de incompletude do texto (o implícito e a intertextualidade); h) as antecipações; i) as formações imaginárias [cf. BARBOSA (1998)].

No ato de produzir o texto, um leitor imaginário vai sendo constituído concomitantemente em decorrência da imagem que o autor faz do assunto abordado. É para esse leitor virtual que o autor se dirige, direciona seu discurso com as mais variadas intenções, tornando-o seu cúmplice ou adversário. Mas o processo de interação só ocorre quando esse texto é efetivamente lido por um leitor real, uma vez que a leitura é o momento em que o leitor real se depara com o leitor imaginado pelo autor do texto. Segundo ORLANDI (1987), a interação na leitura ocorre não entre leitor e texto, mas entre leitor real e leitor virtual, portanto é uma relação social e histórica entre sujeitos (leitor real - leitor virtual/autor) e não uma relação entre sujeitos e objeto (texto).

É importante enfatizar que, nesse processo de interação, a relação entre o leitor real e o virtual tem uma maior ou menor distância, podendo o leitor real coincidir ou não com o virtual. Entretanto, quando tratamos de leitor real e virtual não estamos nos referindo ao problema da discordância ou concordância, pensamos no aspecto elementar do acesso ao sentido. A discordância ou concordância já se faz sobre um sentido reconhecido ou atribuído ao texto.

Castro (1982) defende que não há uma pura interação leitor/texto, na medida em que essa relação é influenciada em maior ou menor grau pela maneira como o leitor implícita ou explicitamente reage ao autor (imagem visual, pública etc.), ao texto (estilo, temática etc.) e ao contexto (valores, ideologia, registro etc.). Quando ele se depara com um texto, efetua-se um confronto, pois o leitor - inserido sempre num contexto - vai atualizar diferentes graus e de maneiras distintas o que é externo e interno ao texto. Só na aparência o leitor é o sujeito e o texto, o objeto. Este é igualmente sujeito, como aquele é objeto.

O que foi exposto nos leva a refletir sobre como se dá a recepção de textos. Se considerarmos que a compreensão de um texto se deve a ele próprio, somos obrigados a aceitar que a boa formulação de sentenças, a coesão e a coerência determinam a legibilidade, como se o texto falasse pela sua estrutura. Por outro lado, se atribuirmos importância somente à intencionalidade do autor, reduziremos a atividade de leitura a uma busca de manobras no emprego das palavras que denuncie características possíveis desse autor. ORLANDI (1987) afirma, no entanto, que a legibilidade engloba, além desses fatores, outros elementos, já que precisamos considerar, no âmbito da legibilidade, a relação do leitor com o texto e com o autor, a relação de interação que a leitura envolve. Assim sendo, a noção de legibilidade é ampliada, pois o processo de compreensão não é algo exclusivamente garantido pelo texto, mas é fruto da relação entre os interlocutores. O que é legível para um pode não ser para outro, em vista disso a compreensão é muito mais garantida pelo confronto entre os sujeitos do que pelo texto unicamente. Portanto, em termos discursivos, os três componentes (autor, texto e leitor) são relevantes.

Ainda no que concerne à interação entre leitor e autor, ela poderá ser harmoniosa ou conflituosa, dependendo da distância entre o leitor real e o virtual. Se a distância for demasiadamente grande, o autor poderá tomar uma atitude: mudar de interlocutor ou mudar o interlocutor. No primeiro caso, se considerarmos que os discursos possuem interlocutores já definidos, havendo incompreensão, só restará a mudança de auditório. ORLANDI explica que quando isso ocorre, uma das razões do embate entre leitor e autor pode ter sido o fato de o texto ter chegado a “mãos inadequadas”, ou seja, não era para tal leitor que o texto fora endereçado. A segunda atitude requer um esforço tal que transforme o leitor em seu cúmplice ou provoque uma total coincidência entre o leitor real e o leitor virtual. Para tanto, o autor lançará mão de manobras discursivas, como estratégias de argumentação e de persuasão.

A interação entre os interlocutores pode ser observada também nos tipos de discursos, que atestam a relação que o autor deseja manter com os seus leitores. Estamos aqui aludindo aos discursos autoritário, polêmico e lúdico, concebidos por ORLANDI (1987). O tipo autoritário caracteriza-se pelo domínio do referente por parte do emissor. Nele, a polissemia é contida, pois o falante/autor procura impor um só sentido (o seu dizer), como o único verdadeiro. Nesse tipo de discurso, há um domínio do “eu” sobre o tu, que se transforma em mero receptor, sem liberdade de interferir ou modificar aquilo que está sendo dito, o que anula, por assim dizer, a dinâmica da tomada da palavra. Já o discurso polêmico,

pelo contrário, caracteriza-se pela dinâmica da tomada da palavra em que os interlocutores disputam não o domínio do referente, mas o seu direcionamento. Configura-se, nesse caso, uma batalha, na qual uma voz tenderá a derrubar a outra. Por último, o tipo lúdico é a forma mais democrática de discurso, uma vez que a persuasão ocorre em menor grau, desaparecendo, em alguns casos, a verdade única e acabada. A autora conclui que essa forma de discurso aponta para duas direções: uma, o fático em que o objetivo do discurso é o contato, a troca de papéis em si; outra, o poético na qual se põe em evidência a linguagem.

Com relação ao terceiro componente das condições de produção da leitura (a ideologia), as reflexões de BAKHTIN acerca da linguagem revelam um elo entre o aspecto lingüístico e o ideológico. Assim, ambos estão interligados, na medida em que o homem é um ser ideológico por natureza, conseqüentemente o seu dizer revela a visão de mundo que possui, e essa visão tem origem nas e pelas relações de produção. Por esse motivo, toda e qualquer expressão verbal deve ser compreendida na situação imediata em que se desenvolve, no contexto ideológico que a determina e controla. De acordo com BAKHTIN (1992), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios” (1992, p. 41). Portanto, uma tese da neutralidade do discurso carrega consigo uma ideologia: a de conceber um discurso destituído de conteúdo ideológico.

1.2 A importância da leitura

A leitura é muito importante e está presente na vida escolar. O que está faltando nos dias de hoje, é o incentivo e a praticidade com a mesma, desse modo vários autores como Antunes (2005. p.13) afirma que:

A leitura tem sido abordada em todos os níveis de Governo, na sociedade civil, em todos os meios, mas ainda de modo insuficiente não basta falar de leitura, da necessidade leitura, da necessidade de ler., de grandes propostas e intenções, a questão da leitura e da literatura Infantil, deve de fato fazer parte da vida de todas as pessoas porque formar leitor é uma construção coletiva da qual participam a família, o professor.

Segundo a autora, vem se buscando resgatar o mundo da leitura infantil para que o Brasil e o Mundo desenvolvam novos potenciais, então o que ela aborda é muito interessante,

pois a família e a sociedade podem ajudar sim a mudar e criar novas formas de resgatar a leitura, por isso, sendo a coordenadora dos programas se liga e acelera Brasil, do IAS (Instituto Ayrton Senna) tem desenvolvido um trabalho para a incentivação e a luta constante para assumir o papel de trazer a leitura para o leitor, pois a leitura é importante em nossas vidas, já que através dela é que aumentamos nossos conhecimentos e principalmente nos emociona, damos asas à imaginação, viajamos por meios de livros e crescemos, portanto, por meio do livro.

Todo educador e educando deve ter sempre em mãos um livro para as crianças. Foram elaboradas pesquisas sobre a literatura infantil que hoje é muito importante, pois já vem desenvolvendo o potencial, das crianças para que quando maiores estiver não tenha dificuldades de se desenvolver.

A biblioteca é o melhor espaço da escola, toda criança quando tem a sua biblioteca na escola acha que lá está a solução para os seus problemas de leitura mas ainda não é de grande valia para alguns, pois a biblioteca para eles é o lugar mais chato porque não é despertado o uso da leitura. Em algumas escolas, não há biblioteca e nem a administração escolar usa de suas atribuições, falta de incentivo por meio de nossos Governantes, a falta de livros no acervo não deve ser um fator para deixar de fazer pesquisas sobre como melhorar o nível de leitura.

É importante ainda que o professor tenha consciência que é ele que desenvolve o aluno e faz com que ele se defina em vários ritmos de leitura.

De acordo com Twain, com adaptação de Ruth Rocha, que se preocupava com a leitura e sobre esse assunto disse: “A leitura e educação é tudo. O pêssego já foi uma amêndoa amarga; a couve-flor não é nada além de um repolho com educação universitária”. Quer dizer que um dia um leitor pode ser pequeno e um nada mais logo será forte e tornará fruto que um dia foi semente.

A leitura é muito importante porque ao abordá-la existem vários temas ou mais variados possíveis, enriquecem e diversificam o seu trabalho ao mesmo tempo em que atrai a atenção das crianças, constituindo-se assim em material de extrema valia para o desenvolvimento de suas aulas.

Antes de começar qualquer leitura é preciso saber que o texto literário contempla o pensar, sentir e criar e que a infância é a fase mais propícia para a formação do leitor, e que as atividades preparatórias são importantes para que o ler, sentir e criar de fato acontecer é o momento de contextualizar as atividades planejadas a partir da leitura que o aluno faz por livre escolha e do que ela provocou.

Quando chegam à escola para aprender a ler, os alunos que vivem nas cidades geralmente viram muitas coisas escritas- nos cartazes e placas de ruas, nos jornais, nas embalagens de alimentos e de remédios. Provavelmente, sabem que a escrita quer dizer alguma coisa, embora não percebam exatamente de que maneira os sinais escritos no papel funcionam para transmitir uma mensagem.

Mesmo nas cidades, no entanto, as experiências das pessoas com a leitura e a escrita variam muito conforme a classe social a que pertence. Em certas famílias, a leitura e a escrita fazem parte da vida cotidiana: jornais e cartas são lidos e comentados, bilhetes e listas de compras são escritos, cheques são preenchidos. Na maioria das famílias pobres, porém, os atos de leitura e de escrita são raros ou mesmo inexistentes, seja porque as pessoas não aprenderam a ler, seja porque suas condições de vida e de trabalho não exigem o uso da língua escrita.

A leitura é muito importante e também a literatura usada em sala de aula, é importante antecipar que a leitura, a que vamos referir de maneira particular, é a da palavra. E se entende por leitura toda manifestação linguística que um sujeito realiza, para recuperar um pensamento formado por outro e formalizado pela escrita em um certo suporte de texto (livro, jornal, etc).

É muito importante que haja muito desempenho por parte dos professores como tal, a procura de novos encontros de formação sobre o assunto abordagem do que seria leitura, basta a boa vontade de inovação para perspectivas de uma nova aprendizagem.

A leitura numa perspectiva social, fica mais nítida, quando lembramos que, para ler (ou melhor, para aprender a ler), dependemos dos seguintes fatores básicos: a) da existência de um sistema de escrita; b) de um processo de alfabetização, porque é necessário conhecer esse sistema; e c) de um conjunto de valores (uma axiologia).

Então neste parágrafo nos diz o que precisa para a leitura ter outras dimensões. Para o social, nestes dois primeiros parágrafos demonstram ser a leitura um processo que se constrói socialmente e também que depende de um aprendizado formal, o terceiro vincula a leitura a valores ideológicos que estão presentes nas sociedades históricas, “as pessoas que não lêem são vazias ou subnutridas de conhecimento.” (CAGLIARI, 1990, P. 150).

O autor fala sobre o que a de mais importante tanto na vida que são as experiências e também na vida escolar; uma pessoa que tão pratica a leitura vive numa perspectiva de vazio sem expor o que há de bom, grandes experiências de visão do que verdadeiramente o sentido que forma leitores.

Esses três fatores básicos, que garantem a existência e o desenvolvimento do exercício da leitura, estão subordinados a outros fatores, visto que os básicos são sempre atrelados á escola como extinção, entretanto, existem outras instituições também importantes para a difusão da leitura, por exemplo: a família, as bibliotecas, as livrarias, etc. contudo, a escola é essencial, já que se responsabiliza pelo processo de alfabetização do individuo e pela socialização do sistema da escrita.

A difusão da leitura, no entanto depende também de uma tecnologia, por esse motivo acabamos entrando num terreno que então pertence aos professores.

As experiências anteriores de leitura — e de vida, no sentido amplo — irão influenciar as atitudes do leitor e sua capacidade de interpretar e criticar.

O bom leitor não se faz por acaso. Quase sempre é formado na infância, antes mesmo de saber ler, através do contato com a literatura infantil e de experiências positivas no início da alfabetização.

Aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, separado da compreensão, é um desastre que acontece todos os dias. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos idiotas e repetir sem fim exercícios de cópia, resulta em desinteresse e rejeição em relação à escrita.

A maneira pela qual o alfabetizador encara o ato de ler determina, em grande parte, sua maneira de ensinar. Praticamente todo o trabalho de alfabetização em nossas escolas (seja qual for o método adotado) parte do pressuposto de que o importante é ensinar o mecanismo da decodificação porque depois a compreensão virá automaticamente.

Q pressuposto está errado. Antes mesmo de ensinar a decodificar as letras e sons, é preciso mostrar aos alunos o que se ganha, o que se obtém com a leitura: mas isto só será possível por meio de atividades que façam sentido, atividades de compreensão de leitura desde as etapas iniciais da alfabetização. Caso contrário muitos continuarão pensando que a leitura é uma tarefa difícil, complicada e inútil. É necessário, ainda que haja turmas especiais para os atrasados, projetos para recuperar os repetentes, campanhas para extinguir o analfabetismo.

Tornar a leitura significativa e atraente desde as etapas iniciais da alfabetização, de modo a contribuir para a formação de bons leitores, é o que se propõe nos capítulos a seguir.

1.3 A formação de leitores

Produzir bons leitores é um desafio para a escola em todas as partes do mundo. Da escola primária a universidade, professores se queixam de que a maioria dos alunos lê mal e não sabe usar os livros para estudar. Pais, educadores e editores lamentam que o gosto pela leitura esteja desaparecendo.

É necessário que o professor seja dinâmico para que a leitura não se torne cansativa na maioria das vezes, em primeiro lugar é necessário construir um acervo de livros e de textos adequados para que as crianças possam conviver com livros e histórias já que, além da qualidade dos textos, a formação de leitores depende de uma certa quantidade de leitura. Dessa forma, o acervo que você está recebendo pode ser ampliado com a pesquisa sobre os livros que sua escola já possui.

Assim, junto com os demais professores, seus colegas, é possível organizar uma coleção de textos para circular na escola, fica na biblioteca (se houver) ou na sala de aula (cantinho de leitura, varal de livros, caixa-estante, mala de livros). Campanhas periódicas também podem contribuir para assegurar gradativamente um acervo básico, ao oferecer livros

aos alunos, estaremos lhes proporcionando a afetiva oportunidade para que formem como leitores.

É claro que o objetivo essencial da leitura é a compreensão. Pode-se ler linha por linha, palavra após palavra, mesmo conhecendo o significado de cada uma delas, e chegar ao fim da tarefa sem a mínima idéia do sentido global do texto.

Tal tipo de leitura, que evidentemente não traz benefício algum, ocorre muitas vezes quando o aluno tenta e não consegue usar os livros (tão raros, tão caros) para aprender o que está sendo cobrado pelos professores.

Algumas explicações adequadas podem ser encontradas nos autores que descrevem a leitura como uma espécie de diálogo, uma troca, uma intenção entre o leitor e o autor (modelo interativo de leitura). Neste processo, o leitor constrói os significados do texto e os compreende. O leitor tem papel ativo, não é apenas receptor. Para que esta interação leitor-autor ocorra, no entanto, é preciso que o leitor disponha de conhecimentos que nem sempre (ou raramente) consegue obter nas situações escolares.

A leitura é mais eficiente quando os leitores conhecem as convenções, as características, o tipo de estrutura própria do texto cuja leitura vão iniciar. Livros didáticos, reportagens, fotonovelas, fabulas, crônicas, poesias e contos são escritos diferentemente. Suas estruturas diversas obedecem a convenções nem sempre muito claras para leitores iniciantes. Quanto mais se conhecem as convenções do gênero, mais fácil é abordar o texto com segurança.

O leitor não deve apenas ter expectativas sobre o que o autor vai comunicar, mas deve principalmente ter uma razão para fazer a leitura. Os objetivos do leitor determinam suas estratégias de leitura e o ritmo que imprime á atividade.

Dependendo daquilo que se busca - informação, distração, idéias novas ou confirmação de outras já conhecidas - a leitura é feita de modo diferente. Quando quer apenas localizar uma data, um nome, um numero de telefone, uma informação precisa, a atenção do leitor pode ser eficiente.

1.4 Como ajudar o aluno a ter uma leitura prazerosa

Os educadores, devemos sempre usar este termo “empurrãozinho”, quer dizer, ajudar ao aluno para que ele desperte para o mundo da leitura, usando sempre as melhores opções pra que o aluno se sinta atraído pelo mundo da leitura.

Então para que possamos proporcionar experiências agradáveis de leitura, já percebemos como é importante que a criança escolha seu livro, e que você verifique se o mesmo é adequado, ou seja, se a história não é longa demais, se as letras não são muito pequenas ou se o assunto abordado não é inapropriado. Feito isso, as chances de que o nosso querido leitor termine seu livro são enormes e a sensação de ter lido “um livro inteiro é tão deliciosa que pode e deve ser comemorada.

Para a criança, contar a história que acabou de ser lida aos amigos também pode ser um comemoração bastante agradável, mas ela precisa estar de acordo, pois leitores tímidos não achariam nada de interessante a experiência... Aliás, é importante frisar, a idéia é que a criança conte a história do seu modo, no seu ritmo.

É bom que a criança conte a história de sua maneira para que ela desempenhe o papel de leitor e é sempre bom que o educador deixe ele ler de sua maneira para que ele possa tirar conclusões do que foi lido e aprendido.

Vale lembrar que toda leitura agrada a todos, e como não poderia deixar de ser, opiniões devem ser respeitadas. Assim, caso um aluno não tenha apreciado a obra após terminar de lê-la e queira manifestar interesse em apresentar aos colegas sua opinião, devemos respeitá-la. Entretanto, é importante que ele tenha terminado de ler o livro, pois para dizer que não gostamos de algo temos de realmente tê-lo experimentado.

Outras sugestões que pode ser bastante prazerosa é a leitura coletiva, ou seja, em grupo. Bem, o que estou querendo dizer é “Leia um livro para as crianças”, “conte histórias”. Escolha três ou quatro livros não muito longos, adequados para a faixa etária com a qual você está trabalhando, e deixe que decidam qual será lido.

Se estiver trabalhando com uma classe, o ideal é que as crianças estejam acomodadas em uma roda. Se seu trabalho é com apenas uma ou duas crianças, sugiro um sofá ou uma cadeira larga e confortável.

Depois de algum tempo, quando as crianças já tiverem tido oportunidade de ler deliciosos livros inteiros e apreciar diversas leituras coletivas, sugiro a criação de uma “biblioteca do coração”.

Sua criação é simples e consiste em pedir para cada criança levar para classe seu livro predileto, de forma que cada um tenha oportunidade de mostrá-lo aos amigos.

O que precisa ficar patente é a confiança de que a leitura é um hábito realmente prazeroso e que essa opinião é compartilhada pelos amigos, colegas, professores e pais, fato que confere a criança incentivo para continuar para se aventurar a cada nova história, mais e mais portas se abrem, mais colorindo vai ficando seu universo literário, mais amigos e companheiros os livros vão se tornando.

Uma das partes interessantes de uma boa leitura é deixar nossa imaginação voar livre. Dessa forma visitamos castelos em países subterrâneos, e pilotamos naves espaciais e duelamos com terríveis dragões, e ao mesmo tempo usamos nossa criatividade para dar forma e vida a cada um dos personagens que nos acompanham pelo caminho da leitura.

Quando falamos para a criança um pouco mais habituadas à leitura, outra sugestão para se trabalhar um determinado tema é, encontrar diversos livros e histórias que discorram sobre o mesmo assunto. Peça para a criança conhecer pontos de vista, só que nesse caso, pontos de vista de autores diferentes. Tente descobrir em que época os livros foram escritos, como foram feitas as ilustrações, quais os pontos em comum entre as obras. A leitura constante leva à deliciosas viagens, a universos inexplorados, a amizade precisa, mais além de uma boa escrita, eficiente, correta e criativa.

Mas se já é tão simples incentivar o hábito da leitura, como possibilitar o treino da escrita de maneira também prazerosa sem com isso atrapalhar um bom andamento do programa?

Mais uma atividade divertida é ler para a classe o início de uma história e deixar que o final seja escrito pelos alunos, cada qual usando sua imaginação e criatividade.

A leitura na sala de aula é muitas vezes feita oralmente. Quer dizer, em voz alta. Todos já tivemos de ler textos em voz alta para a classe e, assim, considerarmos essa atividade normal.

Mas de que vale todo o trabalho de estímulo ao hábito da leitura se a criança não tiver tempo para ler, para desenvolver essa preciosa amizade e encontrar o companheiro livro.

Oferecer tempo para a leitura em sala de aula é, portanto, quase tão importante quanto tudo o que foi apresentado aqui, principalmente para as crianças menores. O mesmo vale para o tempo da leitura em casa, que deve ser apresentada pelos pais como uma oportunidade de entretenimento, nunca como uma obrigação. Dohme, (2003, 22) nos diz: "Quem ama os livros deseja possuí-los, quem os possui acaba por amá-los."

Quer dizer que o amor da leitura como por amar os livros e tentar possuí-los, cada vez mais que aumenta a paixão por livros aumenta mais o desafio da leitura. Então na formação de leitores é essencial explicar porque devemos ler e para que lemos, é uma discussão de grande valia, pois a leitura no ponto de vista hoje é o ponto de partida para uma boa escrita inclusive de enriquecimento do vocabulário, inclusive o de expressar opiniões sobre um tal livro e levar até uma grande discussão em sala de aula.

Os estudos da linguagem vem revelando, cada vez com maior ênfase, que aprendemos a ler apesar dos professores, que para aprender a ler e compreender o processo da leitura, não estamos desamparados temos condições de fazer algumas coisas sozinhos e necessitamos de alguma orientação, mas uma vez propostas as instruções uniformizadas elas não raro causam mais confusão do que auxiliam.

Quer dizer que incentivar a aprender sozinho e criar uma predisposição para aprender o processo da leitura, isso é muito importante que a criança aprenda a ler sozinha, pois ajuda a entrar em discussão com o que foi lido.

Se o conceito de leitura está geralmente restrito a decifração da escrita, sua aprendizagem no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, política, econômica e cultural.

Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significa possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente a sociedade, no caso á classe dos senhores, dos homens livres.

Aprender a ler significa também ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas de criar condições para o educador realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.

Martins, (2003,38) nos diz:“Se a leitura tem mais mistérios e sutilezas do que a mera decodificação de palavras escritas, tem também um lado de simplicidade que os letrados não se preocupam muito em revelar”.

Nos quer dizer que a leitura tem muito a nos oferecer inclusive de revelar mistérios, podemos dizer assim, que o leitor ainda não quis decodificar. tirar conclusões do que significa para o seu campo de estudo inclusive de procurar medidas que ajudem na tarefa de ensinar as crianças a sentir o gosto pela leitura.

Então o educador deve estar sempre ligado com as descobertas da leitura de procurar medidas cabíveis para que o ensino da leitura infantil toque cada vez mais buscante entre o publico infantil.

E muito importante que o livro infantil tenha ilustrações e que tornem atrativas, e que tirem proveito pra que a criança saiba fazer a interpretação desses pequenos livros que são a base de um futuro leitor de qualidade.

Em síntese, a leitura racional acrescenta a sensorial e a emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo

objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais.

Então a leitura infantil deve estar adaptada para as mais diversas atividades que a criança esteja.

A leitura vem nos dias de hoje ajudando a várias crianças a formar o seu espaço de aprendizagem e isso deve ao educador que sempre procura o de melhor, ajuda a procurar métodos que formem um elo entre criança e leitura.

Não basta só nós lermos para elas e sim coloca-las em meio a leitura, assim terá facilidade de aprender as mais diversas coisas.

1.5 A leitura a partir da escrita

Também há uma tecnologia vinculada a escola, que por estar relacionada aos métodos de ensino, nos diz respeito. Sabemos que a alfabetização então é espontânea, já que depende da opção por alguns métodos, que, por outro lado, necessitam de algumas técnicas.

Desse modo, a escola garante a divulgação da escrita, todavia essa intuição depende de uma tecnologia. E, se pensarmos apenas na disponibilização do material escrito, a escola passa a ter, como aliada, a indústria do livro.

Com a invenção da escrita, houve um deslocamento do centro de poder da memória oral para a memória escrita. Foi necessário um controle de número de pessoas, que teriam acesso a esse conhecimento para assegurar a manutenção da ordem.

Vale ressaltar que a escrita é um ato cognitivo social, visto que, por meio do texto escrito, se estabelece uma relação entre dois sujeitos (autor e leitor) que interagem à distância e são socialmente determinados, ao recuperar, pela leitura, o momento da anunciação do documento escrito, o homem insere-se na cultura, apropria-se do passado, pensa o presente e pode agir sobre o futuro.

Na exposição dos três fatores básicos (que nos possibilitam estudar a leitura numa perspectiva social), o terceiro vincula-se á questão ideológica da leitura, visto que há numa ideologia passando essa engrenagem e que garante o arranjo de todas as peças.

Esse “perfil social da leitura” não se definir no aparecimento dessa atividade humana. Pelo contrário, apareceu num certo momento da história da humanidade e foi diferenciando-a com o passar do tempo, por isso a natureza social da leitura se complementa numa dimensão histórica.

As marcas sociais da atividade de leitura começaram a definir-se desde o século XVIII na Europa, e as transformações, que lhe deram esse perfil, foram de dois tipos: uma, de ordem tecnológica e outra, institucional.

Segundo Manguel (1997), os livros passaram das mãos exclusivas da nobreza e do clero para as da burguesia no século XIV. A aristocracia tomara-se o modelo para os noveuses riches: Se os nobres liam, então eles também teriam (habilidade que os burgueses haviam adquirido na condição de comerciantes); se os nobres dormiam sobre madeira esculpida e entre panos decorados, então eles também o fariam.

Nestes parágrafos relatam como a história da leitura começou com várias lutas, também como o livro começou ser adquirido, entretanto grandes obstáculos que para sua produção foi imensamente o esforço e o custo de ter um livro mesmo com as baixas tecnologias da época, então fica fácil saber construir a leitura nos dias atuais por ter grandes acervos de livros e tecnologias bastante avançadas.

Mas fazer um livro artesanalmente, fossem os imensos volumes presos aos atris ou requintados livretes feitos para mãos de criança, era um processo longo e laborioso. Uma mudança ocorrida na Europa na metade do século XV, não só reduziu o número de horas de trabalho necessário para produzir um livro alterando para sempre a relação do leitor com aquilo que deixava de ser um objeto único e exclusivo confeccionado pelas mãos de um escriba.

1.6 Como iniciar uma boa leitura

Já se disse o quanto é importante ler em voz alta histórias e textos de gêneros variados. Mas como fazer os alunos participarem da leitura, se ainda não dominam o mecanismo da decodificação?

O primeiro passo é escolher um texto adequado aos interesses da turma e escreve-lo numa folha grande de papel. Letras script ou bastão, ou ainda maiúsculas, de imprensa, são mais fáceis para o leitor iniciante do que a letra cursiva. Se houver recursos, pode-se fazer uma cópia xerox ampliada de um texto impresso e colá-la numa cartolina.

Uma pequena história ou notícia de jornal são exemplos de textos curtos, adequados para essa atividade. É importante que haja um título, a partir do qual já se podem criar expectativas sobre o que está escrito.

Começando pela leitura do título, conversar informalmente com os alunos: qual será o assunto que vamos encontrar ou o que podemos esperar de um texto com esse título? Se for uma história conhecida, quem são provavelmente os personagens? Se for uma notícia de jornal, o que terá acontecido?

É preciso deixar que os alunos manifestem suas idéias e criem suas hipóteses, ainda que ajudados pelo professor. Em seguida, ler o texto completo em voz alta, fazendo comparações entre o que se esperava encontrar com o que realmente apareceu. Ao mesmo tempo, verificar o que os alunos compreenderam da leitura. Se houver interpretações diversas (o que é comum quando se trata de textos literários, como histórias, fábulas e poesias), aceitá-las naturalmente e discuti-las. As diversas contribuições da turma enriquecerão o trabalho de interpretação.

À medida que se repete esta atividade, vale a pena comparar o texto novo com outros já conhecidos. Por exemplo, comparando duas histórias, observam-se semelhanças no modo de escrever. Em geral, a narrativa começa pela apresentação dos personagens, evolui para uma situação-problema (o enredo propriamente dito) até chegar ao climax. Depois vem o desenlace. Há expressões que se repetem nas histórias infantis, como “era uma vez” e “foram

felizes para sempre". Nas histórias, é permitido usar fantasia, imaginação, criar personagens fantásticos, inventar situações que não acontecem no mundo real.

O mesmo tipo de análise comparativa pode ser feita com diferentes notícias de jornal. Em geral, o jornalista escreve sobre fatos, explicando ao leitor, de maneira direta e objetiva, o que aconteceu, onde, com quem e por quê. Fantasia e imaginação estão excluídas, naturalmente.

Em resumo, trata-se de mostrar aos alunos que textos do mesmo gênero têm características comuns. Se este trabalho for realizado freqüentemente, desde o início da alfabetização, os alunos ficarão preparados para saber o que podem esperar de determinada leitura.

Continuando a exploração do texto, no dia seguinte, fazer uma leitura mais lenta, apontando palavra por palavra à medida que as lê. O objetivo é mostrar à turma que cada vez que se pronuncia uma palavra (unidade sonora) aparece uma palavra escrita (unidade gráfica) no texto. Entre duas palavras, um espaço. É importante que o analfabeto aprenda a fazer essa correspondência entre unidades sonoras e unidades gráficas: é o caminho para entender de que forma a escrita pode representar a fala.

Pode-se então começar a apresentar as noções de frase e palavra, indispensáveis para a compreensão das aulas de leitura e escrita. Crianças e adultos analfabetos freqüentemente pensam que palavras são apenas os nomes (dos objetos e das pessoas) e, às vezes, os verbos de ação. Muitos acreditam que os textos contêm apenas nomes e verbos, não incluindo as palavras de relação, como artigos, preposições, etc. Os exercícios sugeridos a seguir ajudam a compreender que palavras são unidades da língua falada e escrita e frases são conjuntos de palavras que formam sentido.

1.7 Qual é o melhor método para ensinar a ler

No estágio atual da pesquisa em alfabetização, não há resposta definitiva para esta pergunta. É difícil comprovar a superioridade absoluta de um método sobre outro: no máximo, chega-se à conclusão de que, num determinado contexto, a turma alfabetizada pelo método x obteve melhores resultados do que outra, submetida ao método y. E resta ainda

saber o que o pesquisador considera “bons resultados” em matéria de leitura: capacidade de decodificar quaisquer novas combinações de letras? Leitura oral fluente? Interpretação do significado? Tudo isso junto e mais o gosto, o interesse, a curiosidade pela leitura?

Um problema adicional é que o êxito do método depende muito do professor.

Tem sido constatado que certos métodos novos funcionam muito bem quando aplicados experimentalmente por um pequeno grupo de professores entusiasmados e interessados. Quando a novidade é generalizada para um grande número de escolas, porém, os efeitos já não são os mesmos. O que se conclui é que a competência do professor, seu envolvimento com o trabalho, a atitude encorajadora e confiante em relação aos alunos pesam muito mais para o sucesso da alfabetização do que propriamente o método.

Feitas essas ressalvas, declaro minha posição pessoal em favor dos métodos globais. Considero-os mais úteis para a formação de bons leitores do que os métodos sintéticos. Os métodos globais permitem iniciar a alfabetização com materiais mais interessantes, mais significativos, mais motivadores do que a sílaba, a letra ou o fonema. São mais adequados para mostrar ao aprendiz as funções e os usos sociais da escrita e da leitura e levá-lo a perceber que para compreender o texto é preciso pensar sobre o que está escrito e não apenas transformar letras em sons.

1.8 A formação de leitores e a procura de melhores acervos para os alunos

Algumas questões preliminares são imprescindíveis para assegurar um efetivo trabalho com a leitura. A pesquisa sobre essa área já concluiu que é necessário esforço para assegurar:

- convívio contínuo com histórias, livros e leitores;
- valorização social da leitura pelo grupo social;
- disponibilidade de acervo de qualidade e adequado aos interesses, horizontes de desejo e aos diferentes estágios de leitura dos leitores;
- tempo para ler, sem interrupções; espaço físico agradável e estimulante;
- ambiente de segurança psicológica e de tolerância dos educadores em relação ao percurso individual de superação de dificuldades;
- oportunidades para expressar, registrar e compartilhar interpretações e emoções vividas nas experiências de leitura;

- acesso à orientação qualificada sobre por que ler, o que ler, como ler e quando ler.

Como você vê, em primeiro lugar é necessário constituir um acervo de livros e de textos adequados para que as crianças possam conviver com livros e histórias já que, além da qualidade dos textos, a formação de leitores depende de uma certa quantidade de leitura. Dessa forma, o acervo que você está recebendo pode ser ampliado com a pesquisa sobre os livros que sua escola já possui.

Assim, junto com os demais professores seus colegas e possível organizar uma coleção de textos para circular na escola, ficar na biblioteca (se houver) na sala de aula (cantinho de leitura, varal de livros, caixa-estante, mala de livros). Campanhas periódicas também podem contribuir para assegurar gradativamente um acervo básico.

Ao oferecer livros aos alunos, estaremos lhes proporcionando a efetiva oportunidade para que se formem como leitores.

O registro da leitura será feito no cartaz **ACOMPANHAMENTO DE LEITURA / LIVROS LIDOS** que deve ser afixado em lugar visível e de fácil acesso aos alunos, durante o ano inteiro, já que eles serão os responsáveis pelo seu preenchimento, e você pelo seu acompanhamento.

CAPÍTULO II

A LITERATURA NA VIDA ESCOLAR

2.1 A importância da literatura na vida escolar

A importância da literatura é muito grande, com os livros você irá descobrir muitas coisas novas, conhecer pessoas diferentes e mundos diferentes. Você também irá saber que existem muitas maneiras de se escrever e que cada uma delas serve para passar ao leitor, isto é: para você, um tipo de mensagem.

Podemos abordar a importância da leitura e da literatura sob diversos aspectos:

Dizer que ambas promovem o desenvolvimento cognitivo da criança, que constituem o eixo fundamental para a aquisição da escrita e o aprimoramento da capacidade simbólica. Essas questões são relevantes; no entanto, o grande mérito da leitura e da literatura é a fruição estética que ela nos oferece. Uma bela história é capaz de refletir nossas sensações mais íntimas e universais: o amor, a rejeição, o medo, a alegria, o ciúme. Além disso, através do texto literário unimos razão e intuição.

Esse espaço interior é território privilegiado que só a obra de Arete nos proporciona. Ela nos ajuda a resistir à mediocridade no mundo contemporâneo, essa “Terra de ninguém” repleta de informações fragmentadas e modismo impostos ao indivíduo desde a sua infância.

Outro grande recurso do texto é o humor subvertendo a ordem dos fatos, relevando a substância verdadeira que existe por trás das aparências.

Pedro Bandeira nos diz: “Tem adulto que acha que criança não pensa”. Mas eu penso e duvido desde o jardim da infância “. (2001,04)”.

Pedro Bandeira quer nos mostrar que a criança é muito cheia de ilustrações e também nunca um adulto deve dizer que a criança não sabe pensar ou talvez não tenha noções do que é a leitura, então a partir do entanto toda e qualquer criança usa seus próprios princípios, suas próprias histórias da sua maneira.

O mundo parece ser feito apenas de coisas que agente vê nele. Mas há outras que não vemos, embora existam. São as coisas que lemos. Elas estão escondidas no meio das letras. É preciso ler par que elas apareçam diretamente em nossas cabeças.

Se não lemos, todas essas coisas que estão guardados nos livros não aparecem para nós. Quem não lê, só vê uma parte das coisas do mundo. E não consegue conhecer tudo. Muitas vezes no meio de uma conversa, ouvimos falar de uma pessoa ou de uma história que o amigo conhece de leitura. Quem não leu ficou de fora. A leitura sugere compartilhar com que vivemos. Também indica ser “sem idade”, isto é, para quem queria ter.

Também não há receita para fazer literatura. A novela pode ser caracterizada como narrativa curta, com diversidade de espaços e tempos na historia, o que a diferencia do conto. Mesmo sem existir um “modo de fazer há expectativa quando se escreve e se lê, tais como a de oferecer o que o outro pode querer e exigir o que o outro pode dar”. Nesse desenrolar, entrou informação, diversão, passa-tempo, consolo, imaginação, desafio.

Aliás, observações assim que se esperam dos mediadores de leitura-educadores, pais, parentes, críticos, literários, bibliotecários, vendedores de livros, editores, amigos. Eles constituem um elo muito importante entre texto e leitores. Podem desencadear relações felizes ou infelizes entre um livro é um leitor, dependendo de como os aproximou.

O plano de leitura, num texto de literatura infantil. É estabelecido pelo diálogo intradiscursivo das duas linguagens. Em um curioso alunado, a palavra desconstrói a figuratividade da expressão “olho d’água”, dando-lhe o sentido literário. Entretanto, o texto não verbal restaura o sentido figurado. Nesse movimento, exhibe para leitor a memória de formação da expressão, pois no seu contexto habitual, o jogo discursivo de desconstrução desaltomatiza o sentido, obrigando o leitor a uma atividade metalinguística de interpretação.

O humor, nesse e em outros textos de literatura infantil, nasce da participação ativa do leitor, que restaura o sentido por meio da descoberta metalingüística.

Levando em consideração que, na literatura infantil, o sentido do texto pode ser construído pela relação verbo-visual defendemos que o processo de desconstrução das formas

cristalizadas suscita o risco em um curioso alunado, porque é acompanhado por um texto visual, expressando o insólito da situação criada.

O exagero é um dos efeitos de sentido que provocam riso, porque trás, como consequência, uma transfiguração daquilo que é sabido como “real”.

2.2 A literatura como tesouro dos leitores

Quando aprendemos a ler, descobrimos um mundo completamente novo ao nosso redor, cheio de palavras e significados que dão nome aos objetos, esclarecem idéias e sentimentos e nos revelam uma realidade muito diferente, que aos poucos vamos conquistando, aprender a ler é um acontecimento extraordinário na vida de qualquer ser humano, não importa a língua que ele fale. Mas muitas vezes não nos damos conta de disso tudo o que a capacidade de ler pode nos trazer.

Falar sobre literatura é muito imenso a quantidade de coisas que encontramos de muito interessantes, precisamos juntos aprender o quanto vale incentivar crianças principalmente para o mundo da leitura.

A literatura é um dos mais valiosos tesouros da humanidade, que vem passando de pais para filhos, pelos séculos afora. Em tempos mais recentes, quando os jovens têm mais oportunidades de estudo do que os mais velhos tiveram essa herança preciosa pode também intervir a mão e passar de filhos para pais. E como quem lê gosta de sair comentando a leitura com a família e os amigos, muitas vezes o livro da biblioteca serve de assunto para muita conversa com as pessoas de quem a gente gosta.

É muito importante que na literatura infantil haja ilustrações para que ajude na formação infantil e que a partir dessas ilustrações venha ter sentido no texto.

Contar e ouvir histórias são ocupações muito antigas do ser humano. Datam do início da civilização quando não havia ainda a língua escrita e essas atividades reuniam as pessoas em volta de uma fogueira.

É preciso lembrar que as primeiras histórias registradas aparecem nas pinturas do homem das cavernas. Muitos homens da época deixaram, em seus desenhos, verdadeiros narrativos grafados.

Provavelmente, a escrita foi inventada por motivos comerciais, para lembrar que um certo número de cabeças de gado pertencia à determinada família ou estava sendo transformado para algum lugar.

Mas escrever não foi o único invento que nasceu no instante daquela primeira incisão, uma vez que ela cria simultaneamente o leitor, antes mesmo de o primeiro leitor adquirir presença física. Enquanto o primeiro escritor concebia uma nova arte, ao fazer marcas num pedaço de argila, aparecia tacitamente uma outra sem a qual as marcas não teriam nenhum sentido.

O escritor era um criador de signos, fazendo de mensagens, porém esses signos e mensagens precisavam de um mago que os decifrasse que reconhecesse seus significados, que lhes desse voz- Escrevendo exigia um leitor.

Antes do século XV, as histórias eram escritas e copiadas à mão, por isso poucas pessoas tinham oportunidade que nasceu a literatura infantil com seus contos de fadas. Na infância, repetidos por nossos avós que é imitar o homem primitivo, quando contava, outrora, histórias de caçadas e lutas, num tempo em que a humanidade mal começava a enganar.

É impossível negar que todo texto ilustrado vai receber interferência de suas ilustrações. A linguagem, as cores e a técnica vai alterar e interferir na leitura (conseqüentemente, no sentido) do texto. Um escritor ou editor que pretenda publicar um texto sem interferências deve publicá-lo sem ilustrações.

Segundo Azevedo (1998), ao pensarmos em ilustrações de livros, tem de identificar não só as situações que, em princípio, não devem ser ilustradas como também aquelas nas quais as imagens podem e devem ganhar relevância.

Na literatura infantil, há trechos de textos que prescindem da imagem e outros em que palavra e imagem são indissociáveis. Azevedo argumenta que, em algumas situações literárias, o ideal é deixar sua construção para a imaginação do leitor.

Algumas crianças começam ao mundo da literatura infantil a partir das belas ilustrações, portanto quando pegamos por exemplo um livro de qualquer história as crianças identificam os personagens a partir da ilustração, conhecendo assim os personagens principais.

Sandroni nos diz “A criança precisa do auxílio da ilustração porque facilita o entendimento das palavras, haja vista ter uma linguagem direta”. (1998, p 125).

Então é de muita importância que nos livros de literatura infantil tenha muitas ilustrações, pois ajuda a construir para o desempenho e desenvolvimento na construção da aprendizagem.

Em nossos dias, não se pode pensar em literatura infantil sem imagens, pois, ao reconhecer a condição de aprendiz de linguagem do leitor mirim, ela não consegue mais prescindir da ilustração. Entretanto, os contos de fadas quando transformados em literatura infantil e publicados no século XIX foram, inicialmente, usados como narrativas para serem lidas.

As ilustrações desses livros não eram numerosas. Os eventos sociais da leitura em voz alta, com leitores de vozes calorosas, assustadoras ou animadoras (conforme fosse o caso), dirigia, provavelmente, a compreensão da história.

A leitura é muito importante pois ajuda no vocabulário da criança, incentiva para ter uma visão crítica do mundo a sua volta. A literatura por sua vez é de bastante importante, pois é dela que as crianças contam as primeiras histórias e também ajuda a despertar a criança. Então a leitura esta ligada ao mundo mais você se aprofunda em leitura próprio intuito.

2.3 A abordagem da literatura infantil no ponto de vista discursivo

Uma abordagem da literatura infantil do ponto de vista discursivo, já que ela é tecida de uma determinada maneira que deixa, no fio do seu discurso, as marcas da presença do leitor infantil.

Esse enfoque é de fundamental relevância, pois mostra que as características dessa literatura podem ser visualizadas na sua organização discursiva. Ainda no tocante á leitura, as piadas fornecem excelentes atividades no ato de ler.

O mundo parece ser feito apenas de coisas que agente vê nele. Mas há outras que vemos, embora existam. São as coisas que lemos. Elas estão escondidas no meio das letras. É preciso ler para que elas apareçam diretamente em nossas cabeças.

Se não lemos, todas essas coisas que estão guardadas nos livros não aparecem para nós. Que não lê, só vê uma parte das coisas do mundo. E não consegue conhecer tudo.

Muitas vezes, no meio de uma conversa o que não está na sua frente, mas está dentro dos livros. Você vai poder viajar sem se levantar da cadeira. Conhecer gente muito interessante sem precisar conviver com ela. Vai rir e até chorar com histórias de pessoas que só existe nos livros.

É muito importante a busca incansável de se aprofundar na literatura para crianças, pois quando vão para a escola sabe-se que elas têm algumas noções do que é leitura, pois desde crianças elas aprendem historinhas que sua mãe ensina, então a leitura acompanha desde o começo da criança.

Machado nos diz que:

A literatura infantil não só é de silabas contadas é também um jogo de palavras, é emoção que desperta, é uma maneira especial de ver o mundo e é também muito importante para o público adulto que nos faz lembrar de quando eram crianças, brincando e descobrindo as coisas .(200 1.47)

Isto nos quer dizer que a leitura faz parte das vidas, é uma verdadeira borboleta que costuma dizer que de um simples casulo toma-se uma linda borboleta, e como os pequenos leitores, poderemos ser formadores dos alunos. A literatura infantil faz com que as crianças aprendam brincando e que desenvolvam seu estímulo de leitura para que não hajam dificuldades nos caminhos trilhados para praticar a leitura na escola.

Também vale para essas crianças que ouvem tudo, prestam atenção em tudo e sabem de tudo. Ensinar a reconhecer as letras e palavras, ou seja, ensinar a ler é uma tarefa relativamente fácil e que depende do conhecimento e do entusiasmo do professor. Ensinar a gostar de ler, entretanto requer mais do que entusiasmo: solicita paixão. Para começar, é muito importante que o leitor iniciante se sinta confortável com a leitura, por isso, apresentar livros que façam parte do seu ambiente cultural ou que tenha afinidade com seus gostos é uma excelente opção. SECCO, 2003, 9.

“Nestas horas um empurrãozinho de incentivo sempre é bem vindo”.

A literatura resulta de um bom trabalho escolar, pois as aulas com o uso da literatura ajudam a desenvolver os potenciais e ajudam a levar histórias que começam a fazer parte da vida daqueles que a procuram.

2.4 A importância da ilustração para estimular a literatura infantil

Também a importância da ilustração e sua mediação para a formação de leitores, é observada por autores, professores e todos que se dedicam ao assunto.

Os livros de figuras, isto é, somente com ilustrações, tanto para crianças como para jovens e adultos que não chegaram à leitura de sinais gráficos (letras) possibilitam a leitura de imagens essa leitura é substituída pela criança gradativamente, a inédita que ela se apropria dos sinais gráficos.

Stabel afirma que “Para mim a leitura foi uma descoberta o que transcrevi no final de cada livro foi apenas uma pequena amostra da riqueza imensa que esses contadores aceitaram compartilhar comigo”. (2002.08).

Então, a partir das histórias que são contadas, adquirimos conhecimentos para desenvolver o nesse potencial de leitura e formular histórias que serviram de leitura.

A leitura é uma tradição popular é o caso do livro de Stahel, “um saci em meu quintal” baseado a partir do que as pessoas contavam a respeito de um saci e o pai dela costumava a ler sempre sobre uma história de saci. quando era criança ela começou a despertar para o mundo da leitura e hoje é uma das melhores escritoras de livros infantis, pois como já vimos a família pode ajudar na formação da leitura basta incentiva-las quando criança.

Jilopouski diz que para que essa coleção

“Esses livros guardam um mistério: o prazer da leitura eles foram escolhidos para que você se divirta se emocione e conheça os vários tipos de textos que a literatura oferece, vão prender a ma atenção e apresenta-la a outros mundos e realidades”. (2003,08).

Como diz a autora, a literatura e a leitura nos oferecem a descobrir novos mundos e realidade, faz com que também nos sensibilize com leituras é tudo pós sem ela.Somos como um trem desgovernado que não tem estrutura e horizontes para seguir.

Saint nos diz diante do clássico o pequeno príncipe que:

“A leitura deste clássico o pequeno príncipe ensina a ter meios de viver em amizade por isso ele sempre dizia é bem mais difícil julgar a si mesmo que julgar aos outros ou só se vê bem com o coração, pois o essencial é invisível aos olhos e, principalmente, cativar é criar laços. (1990. 10).

Antoine Exupéry assim como é chamado, ensina tanto crianças e adultos que a leitura ajuda até no desenvolvimento de ser “um bom menino”, quer dizer o livro o pequeno príncipe diz que com aquela simplicidade do príncipe ele podia chegar até nos mais altos degraus da vida bastasse ser bom dinâmico e que a partir daquela do livro o leitor tirava conceitos de uma vida melhor e que nada era impossível então a leitura é base de sustentação.

Sendo um pouco mais formal do que eu gostaria de ser, acho importante contextualizarmos o relacionamento da criança e dos livros. A criança pequena é por natureza uma entusiasta pela leitura. Rodeada por símbolos que ainda não conhece, sonha com o dia

em que conseguirá decifrar as letras e com elas compreender o significado de cada palavra escrita.

Dessa maneira, logo ela é alfabetizada, esse prazer fica mais do que evidente quando a vemos ler em voz alta uma palavra escrita em um cartaz de rua ou em uma manchete de jornal, prazer este ampliado quando a leitura se estende a uma frase inteira ou a um parágrafo completo. Nessa fase a criança talvez não entenda o significado do que leu, pois na maioria das vezes o material não é adequado para sua idade e quase sempre está nas mãos de um adulto ou exposto em vias públicas. É nesse momento que não podemos perder a oportunidade de oferecer livros a esse jovem leitor: livros lindos, coloridos, repletos de ilustrações, livros que serão a chave de ouro a abrir para ele as portas do maravilhoso mundo da literatura. SECCO. 2003,6 diz: “A criança pequena é, por natureza, uma entusiasta pela leitura”.

Como diz a autora a criança sempre se entusiasma com a leitura, para isso deve-se fazer leituras como já foi propriamente ditas que seja agradáveis e que possa chamar a atenção da criança.

Pois o mundo em que vivemos a informação, a tecnologia, e os hábitos de consumo parecem querer se unir de forma a nos afastar dos livros. E para a criança os resultados dessa união são tão atraentes que é difícil ela não se deixar seduzir.

Não podemos esquecer que o mundo mudou muito. A cada dia que passa as informações chegam mais rapidamente ao nesse conhecimento e, de forma praticamente instantânea, temos acesso a tudo que acontece no planeta, e até fora dele.

O livro contém o texto onde as palavras estão impressas. Mas muitos textos apresentam também tabelas, figuras, fotografias e outras imagens — são as ilustrações. As figuras ou ilustrações, como também são chamadas, ajudam para o melhor entendimento do texto.

Para aquelas pessoas ou crianças que estão iniciando sua viagem de leitores, livros somente com imagens, ou livros que incluam em seus textos muitas ilustrações, têm grande

importância para todo o tipo de leitor, mas especialmente para aqueles que ainda não são leitores de palavras.

As ilustrações dão oportunidade ao leitor de ampliar suas idéias sobre o texto, facilitar o seu entendimento, ou mesmo ter idéias diferentes. Muitos livros de literatura infantil, por exemplo, apresentam apenas imagens; outras, imagens e poucas palavras.

A observação de imagens, das formas e cores, das representações do real e criações do imaginário presente nos livros de literatura são oportunidades para você trabalhar a observação, o desenvolvimento da linguagem, a imaginação e a criatividade do seu aluno.

A seqüência de imagens favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e possibilita conjecturas, associações e visualizações sobre como tal situação poderia ser mudada.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DE DADOS

O levantamento dos questionários deram melhor amplitude para que chegue a melhor forma de trabalhar.

O presente trabalho foi realizado na Escola Estadual de Ensino Infantil e Fundamental Dondon Palitot na cidade de São José de Piranhas – PB. O questionário foi aplicado no 4º ano na qual tem 22 alunos, teve como objetivo chegar mais próximo da realidade do aluno e vê como avaliar a sua aprendizagem.

3.1 Análise crítica dos questionários dos alunos

A primeira pergunta, “O que é literatura infantil para você?”. A maioria dos alunos responderam da seguinte maneira. São histórias contadas e imaginárias. Sobre esta postura Pedro Bandeira (2001) diz: “Tem adulto que acha que criança não pensa. Mas penso e duvido desde o jardim da infância.” (BANDEIRA, 2001, p. 04)

A segunda pergunta era: “Você gosta de ler? Quais os tipos de leitura que você mais gosta? Eles na maioria falaram que sim, gostam mais de livros de histórias que tenham muitas ilustrações. A respeito dessa postura, Azevedo (1998) diz: “A criança precisa do auxílio da ilustração porque facilita o entendimento das palavras, haja vista ter uma linguagem direta?” (AZEVEDO, 1998, p.125).

A terceira pergunta era: “Você tem dificuldade com a leitura?” Muitos na maioria falaram que sim. A respeito dessa postura Charmeux (1995) diz: “Saber ler é compreender e quando uma criança não compreende o que lê, na verdade não leu. Seria absoluto dizer que ela lê sem compreender. (CHARMEUX, 1995, p.46)

A quarta pergunta era: “A sua professora exercita o uso da leitura no seu cotidiano?” A maioria respondeu que sim, mais deve ensinar como ter uma leitura prazerosa. A respeito dessa postura Orlandi (1987) diz: “A interação na leitura ocorre não entre leitor e texto, mas entre

leitor real e leitor virtual. Portanto é uma relação social e histórica entre sujeitos. (ORLANDI, 1987, p.30)

3.2 Análise dos questionários dos professores

O questionário foi aplicado com duas professoras que lecionam no estabelecimento de ensino. As duas são pedagogas. No questionário a pergunta foi: “Como você faz para estimular a leitura em sala de aula?” Responderam da seguinte maneira: “A leitura é um campo que deve ser introduzido em pequenas e constantes doses, o aluno tem que realizar a leitura, a mesma deve ser prazerosa. Sobre a leitura Dolme (2003) diz: “Quem ama os livros deseja possuí-los, quem os possui acaba por amá-los” (DOLME, 2003, p. 22).

A segunda pergunta era: “Como está sendo feito para encarar as dificuldades de leitura na sua sala de aula?” Responderam que as dificuldades são múltiplas e aparecem em todos os momentos, desta forma, cabe ao professor saber fazer desta atividade um prazer e não um fardo. A respeito desta postura Martins (2003) diz: “Se leitura tem mais mistérios e sutilezas do que a mera decodificação de palavras escritas, tem também um lado de simplicidade que os letrados não se preocupam muito em revelar” (MARTINS, 2003, p. 38).

A terceira pergunta era: “Tem alguma criança com problema de leitura. A resposta foi que várias crianças apresentam este tipo de problema mais deve ser ajudada por nós educadores. A respeito dessa postura Antunes (2005) diz: “A leitura é muito importante e está presente na vida escolar, o que está faltando nos dias de hoje, é o incentivo e a praticidade com a mesma” (ANTUNES, 2005, p. 13).

A quarta pergunta foi: “Como você ensina na sala de aula a importância da literatura infantil?” Responderam que o mais importante é o aluno perceber que para você ler é uma atividade que lhe faz bem e lhe faz crescer. A respeito dessa postura Machado (2000) diz: “A literatura infantil não só é de sílabas contadas, é também um jogo de palavras, é emoção que desperta, é uma maneira especial de ver o mundo” (MACHADO, 2000, p. 47).

3.3 Análise do questionário do gestor

O questionário foi aplicado com a gestora do esclarecimento de ensino, há mais de vinte anos que coordena a escola. A primeira pergunta era: “Na sua opinião como fazer para melhorar a leitura na escola?” Respondeu que fazendo com que o aluno possa refletir mais, criando um cantinho de leitura, semana de leitura e também que o professor possa ajudar a desenvolver o estímulo do aluno pela leitura. Sobre essa postura Charmeux (1995) diz: “Essas práticas exigem da criança que faça uma leitura de forma linear para compreender imediatamente, por isso a escola torna-se incapaz de elaborar estratégias de construção de sentido (CHARMEUX, 1995, p.58)

A segunda pergunta era: “Como você ajuda para a construção da leitura na escola?” Respondeu que quando há horas vagas, frequenta a biblioteca da escola e é daí que contribui com a construção da leitura, diante dessa postura Antunes (2005) diz: “Ao oferecer livros aos alunos, estaremos lhe proporcionando a efetiva oportunidade para que se formem como leitores” (ANTUNES, 2005, p. 38)

A terceira pergunta era: “Você como diretora tem procurado a suprir a dificuldade dos alunos em lerem?” Respondeu que sim, fazendo que os educadores tenham semana de estudo sobre a leitura e procurar métodos que melhor encaixe com o aluno, diante dessa postura Machado (2000) diz: “Quem não lê, só vê uma parte das coisas do mundo, e não consegue conhecer tudo” (MACHADO, 2000, p. 45).

A quarta pergunta era: “A escola tem feito alguma semana de leitura?” Respondeu que sim, várias vezes aconteceu a semana de leitura, e vimos que teve um bom desempenho e que valeu a pena. Diante dessa postura Antunes (2005) diz: “A leitura é importante em nossas vidas, já que através dela é que aumentamos os nossos conhecimentos” (ANTUNES, 2005, p.28)

3.4 Análise do estágio

O estágio foi muito proveitoso, embora o tempo foi pouco pra obter mais rendimento para o aluno.

Analisando o estágio vi que a sala de aula enfrenta muitos obstáculos, nem todos os alunos, eles têm o mesmo desenvolvimento, têm sempre alguns que desenvolve a capacidade de ler principalmente mais do que o outro.

A escola é muito boa, espaço, mais precisa desenvolver mais trabalhos pedagógicos mais criatividade e também sair um pouco do tradicionalismo.

No estágio também existe grandes dificuldades em lhe dar com os alunos, as vezes nós esperamos uma realidade e é outra totalmente diferentes, foi muito bom o contato entre eu e eles não houve nenhuma rejeição com a minha pessoa.

As tarefas aplicadas em sala de aula foi muito boa, pois usei outros métodos sem que não saísse do contexto que seria aplicado. Houve muitas dinâmicas na sala de aula foram muito bem administradas, os alunos gostaram muito.

Sem sombra de dúvidas, posso dizer que o estágio foi muito bem sucedido, havia em média 2 alunos apenas que eram um pouco indisciplinado, mas depois de alguns dias eles mudaram não completamente, mas melhoraram muito em vista do que era antes.

Os recursos usados eram de qualidade tanto os materiais para trabalhar as tarefas quanto os DVDs, CDs que eram para as aulas expositivas, até os alunos gostaram muito.

Então o estágio foi espetacular, posso dizer isso convicta, pois não só elevou expectativas mas do aluno também, isso é muito gratificante, pois só resta agora a saudade de todo o corpo administrativo e de todos os alunos que me recebem muito bem.

Na primeira semana do estágio foi desenvolvido o trabalho sobre leitura, trazendo todos os textos de melhor entendimento e também tarefas que o aluno pudesse executar com muita precisão, avaliei os alunos com tarefas extra classe, fazendo com que o aluno tivesse um bom desempenho na sala de aula.

Na segunda semana, apliquei tarefas com uso da gramática fazendo com que o aluno desenvolvesse o empenho da gramática, o uso do artigo e também um pouco do que foi a

nossa história desde o império. Também a importância do trabalho artesão e também avaliar o aluno na medida em que foi passando o conteúdo aplicado.

Na terceira semana foram usadas todas as disciplinas como sempre, mas dei prioridade um pouco a matemática apresentando critérios de divisibilidade, também estudamos um pouco sobre o sistema solar e desenvolvemos um trabalho sobre literatura na escola, avaliei com perguntas orais sobre os conteúdos aplicados e também com uma construção de uma maquete do sistema solar.

Na quarta semana foi repassado conteúdos que faltavam, um pouco de ortografia, e também analisar a desenvoltura dos alunos, fazendo toda uma retrospectiva do que foi dado em sala de aula, avaliei com exercício de aprendizagem, fazendo relações com o que foi dado em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio foi muito bom, apenas deveria ter demorado mais para que houvesse mais rendimento, pois quando cheguei lá os alunos me receberam muito bem, a escola acolheu-me com muita dedicação.

Não houve nenhuma objeção entre eu e a professora, ela falou que eu fizesse o que eu achasse melhor para um bom desenvolvimento da sala. Então o estágio foi de muito entretenimento onde os alunos respeitavam os meus trabalhos, então foi tudo de bom, resta-me a saudade de todos eles que me trataram bem.

O estágio me serviu como uma base sustentável, pois dele tirei conclusões que a educação não está totalmente avançada, como deveria, mas está em bons caminhos. Existem ainda escolas que tem uma essência muito grande do que é educação e também dando e contando imensas experiências vividas no cotidiano.

Através do estágio foi que dei-me por verdade que é necessário trabalhar muito para a educação progredir e ver que trabalhando com consciência tem uma transformação da aprendizagem melhor.

Foi muito prazeroso ter desenvolvido esse trabalho em sala de aula, também faltou um pouco mais de tempo para que o aluno tivesse um encontro melhor com as disciplinas que foram aplicadas.

Enfim, o estágio chegou onde o meu ideal queria. Basta ter consciência e fazer com que a educação chegue ao seu grande progresso, pois ela é a base das nossas vidas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e formando leitores: orientação para o trabalho com leitura infantil.** 2 ed, ver. am. São Paulo: Global. 2005.

AZEVEDO, Ricardo: **Texto de Tradição Popular.** Sao Paulo .atica, 2002.

BAJUNGA, Lygia .**Literatura para crianças** 19ª ed. Rio de Janeiro. Nove Fronteiras. 2002.

BAMBERGER. Richard: **Como incentivar o hábito de leitura.** São Paulo: Ática/Unesco, 1985,

BANDEIRA, Paulo: **A Importância da leitura.** P ed. São Paulo. FTD, 2001.

BREVES Filho, José. **Uma leitura da literatura Infantil na escola.** Fortaleza, Breves Palavras. 2004.

CARVALHO, Marlene. **Guia Prático – 4ª edição.** São Paulo. Ática. 2002

DINORAH, Maria: **O livro na sala de aula,** Porto Alegre: L.E.P.M. 2002.

DOHME, Vania: **A história como veículo de comunicação.** São Paulo: Informal, 2003.

MACHADO, Ana Maria. **Poemas para crianças: Literatura em minha casa.** ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo brasiliense. 2003.

PETRONI, Marilze S.: **Como conquistar um leitor.** São Paulo: Ibrasa, 2001.

PINSKY, Mima. **Leitura Infanto-Juvenil.** P ed. São Paulo . FTD, 2001.

SECCO, Patrícia Engel: **Amigos livros.** São Paulo, Modelo, 2003.

ZILBERMAM, Regina: **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 1981.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

NOME: _____

QUESTIONÁRIO AO ALUNO

1 – O que é literatura infantil pra você?

2 – Você gosta de ler? Quais os tipos de leitura que você mais gosta?

3 – Você tem dificuldades com a leitura?

4 – A sua professora exercita o uso da leitura no seu cotidiano?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO AO PROFESSOR

1 – Como você faz para estimular a leitura na sala de aula?

2 – Como está sendo feito para encarar as dificuldades de leitura na sala de aula?

3 – Tem alguma criança com problemas de leitura?

4 – Como você ensina na sala de aula a importância da literatura infantil?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO AO GESTOR

1 – Na sua opinião como fazer para melhorar a leitura na escola?

2 – Como você ajuda para a construção d leitura na escola?

3 – Você como gestora tem procurado ajudar a suprir a dificuldade dos alunos a lerem?

4 – A escola já tem feito alguma semana de leitura?
